**ESCOLA ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

**Programa de Pós-Graduação - Área Enfermagem Fundamental**

**Disciplina: ERG5908 - DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: CONCEPÇÕES, PROFISSIONALIZAÇÃO E FUNDAMENTOS DIDÁTICOS**

**Unidade IV - Fundamentos do Currículo para a Educação Superior**

**2017**

**Contextualização**

Em uma Instituição de Ensino Superior Pública (IES), em uma Unidade Educacional que ministra curso de graduação de enfermagem, no ano de 2002, teve início uma proposta de mudança curricular, considerando alterações: do campo da saúde, relativas ao fortalecimento do SUS e do campo da educação/ensino superior, referentes à proposta, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), de construção coletiva de Projeto Político-Pedagógico (PPP).

Com apoio de gestores do ensino de graduação e direção, bem como contando com assessoria pedagógica externa, foram, então, propostas oficinas de trabalho e assembleias para deliberações acerca de um novo currículo.

Os episódios abaixo demarcam algumas formas de compreender e agir que se fundamentam em algumas concepções sobre o que seja currículo, qual sua finalidade e forma de operá-lo nos cursos de graduação.

**A tarefa de cada subgrupo é relacionar o episódio com concepções/elaborações teóricas, trazidas nos textos lidos.** Esclarecemos, entretanto, que não se trata de aplicação imediata e pragmática de concepções do campo teórico do currículo, altamente complexas e diversas, à prática cotidiana do planejamento curricular, mas sim de fazer algumas aproximações que permitam perceber, no contexto das discussões, defesas de ideias, ocorrência de conflitos, perspectivas teóricas, que permitem extrapolar a realidade empírica, no sentido da apropriação de alguns elementos da realidade concreta compreendida como síntese de múltiplas determinações.

**Episódio 1 – relação com texto de Gimeno Sacristán**

As discussões, tendo como foco o currículo, foram estruturadas a partir das séries que compõem o curso e das áreas disciplinares. Em se tratando de IES que também se dedica sobremaneira à pesquisa, nos variados campos de conhecimento, muitos dos docentes participantes apresentam questionamento quanto ao sentido dos encontros propostos, partindo do entendimento de que seu papel é ensinar os conteúdos a partir dos campos científicos que pesquisam.

Nesse contexto, muitos afirmam que as escolhas de conteúdo ocorrem pela carga horária das disciplinas que ministram. Além disso, não veem sentido na discussão ampla de currículo como projeto educacional que dialoga com a formação para a vida em sociedade, afinal entendem que, na IES, os alunos vêm em busca do conhecimento para dada profissão, ou seja, é necessário ensinar conhecimentos com utilidade prática.

**Episódio 2 – Relação com texto de Lopes e Macedo**

À medida que o grupo envolvido foi se abrindo para a necessidade de compartilhar ideias sobre os conteúdos de ensino, ficaram mais à vontade para expor o que consideram critérios legítimos para a suposta escolha do que deva ser ensinado.

Para alguns, é nítido que deverá ser ensinado estritamente o conhecimento produzido em cada disciplina científica e, além disso, os conhecimentos produzidos por processos que elegem o método tradicional de produzir ciência, pontuando o caráter de neutralidade nesse processo.

Outros participantes não negam essa perspectiva e a ela se filiam, entretanto, veem a necessidade de que esses conhecimentos sejam traduzidos em competências e habilidades que sejam aplicáveis no mercado de trabalho, para eles, foco da formação.

Ainda outros argumentam que é preciso também levar em conta a dimensão psicológica do conhecimento, ou seja, como os indivíduos pensam e sentem o mundo, sendo a experiência do aluno algo a ser muito valorizado.

Outros docentes que participavam dos encontros trazem à tona que chama a atenção que, de longa data, é perceptível que alguns conhecimentos parecem mais valorizados que outros. Colocam em questionamento “quem” produz os conhecimentos que são “dominantes”. Que conhecimentos são valorizados e garantidos na estrutura curricular, quem decide sobre isso? Questões essas que causam muita estranheza à maioria que tem muito claro o seu papel como mediador da ciência, podendo até valorizar, se preciso for, as experiências dos alunos, entendendo, porém, que quaisquer outros questionamentos começam a colocar em questão aspectos políticos que não devem interferir com a formação do profissional da saúde.

**Episódio três – Relação com texto José Maia**

A cada novo encontro, o grupo, a partir de muita diversidade, vai tecendo possibilidades a serem negociadas, pensando especificamente em formas de estruturar o currículo, com a intenção de potencializar o processo de aprendizagem dos estudantes. O grupo gestor e a assessoria pedagógica têm a intenção de problematizar os modelos curriculares considerados “lineares”/”disciplinares”, relatando, inclusive, desenhos que têm formatos diferenciados Além disso, o grupo também começa a discutir que o currículo é muito mais que o “conteúdo oficialmente” estipulado, sendo relatadas situações, vividas pelos alunos e trazidas ao grupo gestor, que mostram contradições entre conceitos trabalhados e a prática profissional dos docentes, em sala de aula e nos serviços de saúde.

**Episódio quatro – Relação com texto José Maia**

Apesar do grupo discutir possibilidades relativas às mudanças curriculares, é recorrente o questionamento: “afinal, por que estamos envolvidos, nesse momento, com essa discussão”? Nesse sentido, o grupo gestor resolveu trabalhar com mais especificidades aspectos históricos que demarcam as principais características dos currículos da área da saúde, bem como pontos que vêm sendo trabalhados nas políticas públicas e legislações em prol de mudanças na formação do profissional da saúde.